

Intuição para René Descartes e Edmund Husserl: aproximações e distanciamentos

Intuition for René Descartes and Edmund Husserl: approaches and distances

IASMIM IACI DOS SANTOS BERANGER¹

Resumo: Este trabalho visa examinar a questão da intuição, sua importância e características no pensamento de René Descartes (1596-1650) e Edmund Husserl (1859-1938), destacando suas respectivas abordagens contrastantes. Para Descartes, a intuição é uma forma de conhecimento claro e distinto, essencial para alcançar certezas indubitáveis, como a própria existência e as verdades matemáticas. Diferentemente de Husserl, no qual a intuição é entendida como a apreensão das essências por meio da redução fenomenológica e da intuição eidética, que permite o acesso às estruturas fundamentais da experiência. O primeiro objetivo deste trabalho é mostrar que ambos os pensadores destacaram em suas teorias a importância do processo intuitivo, o segundo é comparar as duas concepções, analisando o papel da intuição nas teorias dos filósofos, mostrando seus principais pontos de aproximação, assim como seus pontos de distanciamentos.

Palavras-chave: Intuição. Descartes. Husserl. Meditações. Essência.

Abstract: This work aims to examine the issue of intuition, its importance and characteristics in the thought of René Descartes (1596-1650) and Edmund Husserl (1859-1938), highlighting their respective contrasting approaches. For Descartes, intuition is a form of clear and distinct knowledge, essential for achieving indubitable certainties, such as existence itself and mathematical truths. Unlike Husserl, intuition is not understood as the apprehension of essences through phenomenological reduction and eidetic intuition, which allows access to the fundamental structures of experience. The first objective of this work is to show that both thinkers highlighted in their theories the importance of the intuitive process, the second is to compare the two conceptions, analyzing the role of intuition in the theories of philosophers, showing their main points of introduction, as well as their of distances.

Key-Words: Intuition. Descartes. Husserl. Meditation. Essence.

Introdução

A filosofia moderna e contemporânea é marcada por profundas reflexões sobre a natureza do conhecimento, como chegamos ao conhecimento e se ele existe realmente, além de debates e teorias acerca de como se dá a consciência e a realidade. Dois pensadores influentes nesse campo de discussão são René Descartes e Edmund Husserl, cujas abordagens, apesar de distantes

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO). Acadêmica do curso de graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Membro bolsista do grupo PET-Filosofia Unioeste.

temporalmente e metodologicamente, apresentam pontos de convergência, como a importância da intuição em suas respectivas teorias. Todavia, o objetivo de suas investigações diverge, logo, suas teorias, além de pontos de similaridades, contém vários outros pontos de distanciamentos, incluindo o papel da intuição no processo de conhecimento.

Descartes, filósofo moderno, é famoso por suas grandes contribuições filosóficas, matemáticas e físicas, sendo reconhecido inclusive, como o pai do racionalismo moderno. Uma de suas maiores contribuições, foi sua busca por uma base segura e indubitável para o conhecimento, e, para isso, Descartes desenvolve o conhecido método de dúvida radical ou hiperbólica, no qual questiona a validade de tudo o que é percebido, até chegar à certeza fundamental de sua própria existência como sujeito pensante. A intuição, para Descartes, é a forma de apreensão responsável por fazer o homem chegar às verdades, por fazer com que após colocar em dúvida todas as fontes de conhecimento, leva à possibilidade de uma verdade última, da sua própria existência. Sendo assim, a intuição é uma forma de apreensão direta de verdades claras e distintas, ou seja, a intuição para Descartes é a base responsável por construir o conhecimento seguro, em todas as áreas, mas especialmente nas áreas como a matemática e metafísica.

Por outro lado, Edmund Husserl, filósofo contemporâneo e fundador da fenomenologia, apresenta uma abordagem diferente, mas igualmente preocupada com a relação entre consciência e conhecimento, destacando também a intuição nesse processo de obter o conhecimento verdadeiro. Para Husserl, a intuição é o meio pelo qual a consciência se conecta às essências das coisas, sendo um processo muito mais metafísico do que físico que ocorre, principalmente, porque Husserl acreditava que as ciências e as suas verdades físicas não dão conta do conhecimento, sendo necessário uma busca dos conhecimentos das essências, manifesta de forma metafísica e guiada pela intuição. Sendo assim, o filósofo desenvolve a ideia de intuição eidética, que busca apreender as estruturas fundamentais da experiência humana, além das concepções sensoriais imediatas.

Ambos os pensadores compartilham o foco na consciência como ponto de partida para o conhecimento se desenvolver, mas suas concepções de intuição e a

maneira como elas se relacionam com a realidade e a experiência empírica revelam divergências importantes. Enquanto Descartes busca uma certeza absoluta por meio da intuição das ideias claras e distintas, Husserl propõe uma exploração mais profunda das essências por meio de uma metodologia que suspende as crenças e suposições sobre o mundo (*epoché-ἐποχή*) priorizando as experiências diretas e purificadas.

Essa discussão sobre a intuição, consciência e conhecimento leva a uma análise crítica das ideias de Descartes e Husserl, explorando não apenas suas semelhanças, mas também as diferenças fundamentais de suas abordagens. Ao contrastar suas opiniões, podemos entender melhor como a filosofia moderna e contemporânea se desenvolve em torno dessas questões a respeito da limitação do conhecimento fornecido pelas experiências humanas e a grande busca pelo conhecimento verdadeiro, mostrando os diversos caminhos e teorias para chegar em tais objetivos e respostas.

A intuição para Descartes

Descartes trata da questão da intuição em mais de uma obra. As destacadas neste trabalho são *O Discurso do Método* (1637) e *Meditações Metafísicas* (1641). No *O Discurso do Método*, esse olhar mais direcionado para a intuição ocorre especificamente no capítulo 4, mesmo que o autor não use diretamente o termo intuição da forma como é abordado nas meditações. Nesta obra, ele faz referência a um conceito semelhante, utilizando o termo “certeza evidente” ou escrevendo sobre uma verdade clara e distinta, o que é muito próximo da ideia de intuição. Sobre esse ponto, o autor expressa:

Depois disso, considere em geral o que é necessário a uma proposição para ser verdadeira e certa; pois, como acabava de encontrar uma que eu sabia ser exatamente assim, pensei que devia saber também em que consiste essa certeza. E, tendo notado que nada há no eu penso, logo existo, que me assegure de que digo a verdade, exceto que vejo muito claramente que para pensar, é preciso existir, julguei poder tomar por regra geral que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras, havendo apenas alguma dificuldade em notar bem quais são as que concebemos distintamente (DESCARTES, 1983, p. 47).

Na passagem acima, Descartes se questiona sobre como considerar proposições como certas e verdadeiras, dando a resposta de que a verdade sobre as proposições ocorre quando essas são julgadas como claras e distintas. Já a ocorrência desse processo de julgamento acerca das coisas como verdadeiras, é feita principalmente a partir da intuição do indivíduo. Desta forma, o claro e distinto são requisitos quase que metodológicos para a ocorrência de um processo mais direcionado, evitando assim os erros que o pensamento pode cometer.

Ainda no discurso do método, o autor fala sobre os princípios do método para chegar a um conhecimento seguro, um dos grandes objetivos de seus escritos. Assim, ele explica que, para encontrar a verdade (Descartes, 1983, p. 46), é necessário seguir um método sério, envolvendo a clareza e a análise minuciosa para chegar em respostas seguras, enfatizando o papel da razão nesses processos.

Já nas *Meditações*, Descartes questiona mais seriamente o que pode ser conhecido com certeza, chegando à famosa conclusão “*Cogito, ergo, sum*” (penso logo existo). Para tal, faz uso da intuição visando chegar à certeza de que sua própria existência é inquestionável. Sobre isso, é importante destacar que a força ou a verdade dessa sentença não seria possível se partisse de um simples duvidar. O que faz o autor é ir além, é usar a intuição para conseguir validar sua proposição.

A intuição para Descartes é a forma de apreensão direta e imediata das verdades, sem a necessidade de raciocínio mediado (deduções/induições) ou prova. A forma de apreensão imediata, ou o método de análise, é o grande responsável por fazer o homem chegar às verdades que deseja. Para exemplificar isso, Descartes aborda a intuição no contexto do conhecimento matemático e das ideias claras e distintas destes conhecimentos, afirmando que aquilo que é percebido intuitivamente, de maneira clara e distinta, é verdadeiro.

Descartes, mostra a importância de examinar cuidadosamente as proposições para que elas sejam consideradas verdadeiras. Esse processo é visto

como crucial para a intuição ocorrer de forma correta. Descartes demonstra na segunda meditação:

De sorte que após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a anuncio ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES, 1983, p. 92).

A intuição para Husserl

O conceito de intuição em Edmund Husserl se desenvolve principalmente em sua obra *Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica* (1913). Na filosofia de Husserl, a intuição não se refere à intuição no sentido comum de sentir ou adivinhar, nem no sentido de Descartes, como forma de apreensão imediata, ou o método de análise, mas sim a uma forma de apreensão direta e intuitiva das essências, ou estruturas fundamentais da experiência. No início do § 3, do primeiro capítulo, Husserl expressa:

“Essência” designou, antes de mais nada, aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o que ele é. Mas cada um desses “o que” ele é, pode ser “posto em idéia”. A intuição empírica ou individual pode ser convertida em visão de essência (ideação) - possibilidade que também não deve ser entendida como possibilidade empírica, mas como possibilidade de essência (HUSSERL, 2006, p. 35).

Para o autor, a intuição é uma forma de percepção que permite o acesso aos objetos ou as essências da experiência sem qualquer mediação inferencial, teórica ou física. Toda essa dinâmica se relaciona ao que Husserl chama de intuição eidética, que é descrita como a apreensão das essências das coisas, ou, o acesso às estruturas imutáveis e universais a partir da intuição e da redução fenomenológica.

É importante destacar também, que a intuição é também a maneira como a consciência entra em contato com as essências das coisas (*forma-eidos*), sendo uma espécie de acesso puro à realidade. Husserl aborda tal questão assunto da determinada forma: “A essência (*eidos*) é uma nova espécie de objeto. Assim

como o que é dado na intuição individual ou empírica é um objeto individual, assim também o que é dado na intuição de essência é uma essência pura” (HUSSERL. 2006. P.36).

Mas para esse acesso puro da realidade possa ocorrer, é necessário que haja a redução fenomenológica, que consiste na suspensão ou alocação em parênteses (*epoché-ἐποχή*) das suposições e teorias sobre o mundo, para focar na experiência pura tal como ela é dada pela consciência. E o objetivo com essa dinâmica, é que o sujeito possa realizar uma intuição eidética das essências das coisas, sem as influências da visão cotidiana ou das construções teóricas tradicionais.

Os pontos de proximidade e distanciamento entre os dois filósofos

Descartes e Husserl possuem tanto pontos de convergência quanto de divergências em suas respectivas teorias, especialmente no que diz respeito à ideia de intuição e a relação entre consciência e conhecimento. Os pontos de convergência que podemos destacar aqui, é o foco na consciência e no sujeito em ambos os autores: tanto Descartes quanto Husserl colocam a consciência como o centro de suas filosofias. Para Descartes, a dúvida radical do cogito, coloca a consciência do sujeito pensante como base necessária de todo o conhecimento posterior. Em um sentido parecido, Husserl, coloca a consciência como o ponto de partida para entender a experiência, através da redução fenomenológica, que busca suspender qualquer presunção sobre o mundo e focar na experiência pura.

Além disso, ambos valorizam a intuição como uma forma fundamental de apreensão do conhecimento. Descartes vê a intuição como uma forma direta de acesso a verdades claras e distintas como a própria existência do sujeito pensante. Já Husserl vê a intuição eidética como uma forma de apreensão direta das essências das coisas, que são acessíveis pela reflexão e pela redução fenomenológica, embora em um sentido mais focado na experiência transcendental.

Ambos ainda propõem métodos para fundamentar o conhecimento. Descartes o faz por meio da dúvida hiperbólica, que leva à certeza do sujeito pensante como base em todo o conhecimento. Husserl, por sua vez, utiliza a redução fenomenológica, uma técnica que visa suspender as crenças pré-existentes sobre o mundo e investigar as estruturas puras das experiências, para só assim, chegar à fundação sólida do conhecimento.

Já os pontos de divergência são pelo menos dois: o primeiro é a natureza da intuição. Para Descartes, a intuição se configura muito mais por uma apreensão clara e distinta que ocorre na mente do indivíduo. Ele vê a intuição como um conhecimento imediato das ideias, como o caso de reconhecer a verdade de uma proposição, sem necessidade de inferir. Já para Husserl, a intuição não se limita à apreensão direta das ideias como em Descartes, mas se refere a intuição como percepção das essências. A intuição nesse sentido, vai para além da apreensão de ideias claras, sendo uma experiência transcendental que envolve a redução fenomenológica para acessar as essenciais das coisas.

274

O segundo ponto de divergência se volta sobre a relação com o mundo empírico, pois embora reconheça a importância da percepção sensorial, Descartes duvida de sua confiabilidade através do argumento do gênio maligno. Para ele, a intuição das verdades claras e distintas, como por exemplo: a existência do sujeito, é mais confiável do que qualquer dado sensorial. Já Husserl, entende a experiência empírica como crucial, mas propõe que, ao fazer a redução fenomenológica, podemos acessar as essências das coisas, que não dependem apenas da percepção sensorial. Sendo assim, ele não descarta a importância da experiência empírica, mas vê essa como superficial camada da realidade, sendo a essência acessada pela redução e pela intuição a camada mais profunda e verdadeira.

Conclusão

Embora Descartes e Husserl compartilhem a ideia de que a consciência é central para o conhecimento e que a intuição tem um papel importante na

apreensão de verdades, as diferenças são claras em suas abordagens e objetivos filosóficos. Descartes se concentra na certeza absoluta, na intuição das verdades claras e distintas e na relação entre mente e mundo, já Husserl, busca descrever as estruturas da experiência e as essências através da redução fenomenológica e da intuição eidética, sem focar na busca por uma certeza absoluta, assim como Descartes faz. Desta maneira, podemos concluir que as contribuições e interesses de Descartes se direcionam mais para questões epistemológicas e metafísicas, enquanto Husserl tende a ser mais fenomenológico.

Referências

DESCARTES, R. *Discurso do método*. In: *Os pensadores*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DESCARTES, R. *Meditações*. In: *Os pensadores*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DESCARTES, R. Vida e obra escritas por José Américo Motta Pessan. In: *Os pensadores*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HUSSERL, E. Capítulo I: Fato e essência. In: *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

ALBUQUERQUE, J, F, S. Mundo, conhecimento e transcendentalidade: vínculos e distanciamentos entre Husserl e Descartes, a partir de um mesmo projeto filosófico. *Kinesis*. São Paulo V. IX. Nº21. p. 62-77. Dez/2017.

FREIRAS, Jeferson Benício de. A influências de Descartes no pensamento de Husserl. *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*. Fortaleza. V. 19, n.2. p. 43-54. julho de 2023.

Submissão: 04. 12. 2024

/

Aceite: 12. 04. 2025